

MÃE, Valter Hugo. *Homens imprudentemente poéticos*. Porto: Porto Editora, 2016. 216 p.



Todos reconhecemos que há um fascínio antigo pelo Oriente, e pelo Japão em particular, que foi deixando sinais muito fortes, ainda que descontínuos, em diversos domínios da cultura ocidental. No caso concreto da literatura portuguesa, lembramo-nos de imediato de algumas cartas dos missionários jesuítas, de certas passagens de Fernão Mendes Pinto ou da obra de Wenceslau de Moraes. Apesar das grandes diferenças que separam esses e muitos outros textos – e que decorrem da sua própria natureza, do tempo em que foram escritos e da formação ideológica dos seus autores –, há em todos eles a marca da surpresa e de um certo deslumbramento, mesmo que por vezes combinado com a repulsa perante certos comportamentos e valores.

Este livro de Valter Hugo Mãe recupera justamente esse enlevo quase feérico e atemporal pelo Japão e fá-lo do modo mais inesperado: mostrando outras formas de vivência e de acesso à arte e à poesia, sugerindo que todos podemos ser *imprudentemente poéticos*. Para isso oferece-nos duas personagens improváveis, pelo que há nelas de simplicidade quase lírica e, ao mesmo tempo, de complexidade quase trágica: o artesão Itaro e o oleiro Saburo, unidos pela perda e pela prática de formas de arte que raramente são consideradas no domínio maiúsculo da Arte. Do primeiro, fabricante de leques, diz o narrador que “apenas educava os materiais para uma vocação que eles detinham por natureza” (p. 69); “Os crisântemos, explicava o pai, devem nascer de verdade no calmo papel de arroz. Mais do que pintar, os artesãos semeiam.” (p. 69). Saburo, por seu turno, é dado como “um homem com certo descuido para a sensibilidade” (p. 108), que, cozido o barro,

enfeitaria depois as suas louças com pequenas pinturas. Até loucamente, porque se destituíam de serviço. As louças pintadas deixavam de valer para cozinhadors. Nem para suster água limpa haveriam de ter bondade. Mas, ainda assim, as pintava, por oferta aos vizinhos, por oferta ao santuário, depositando nelas as frutas e gostando de ver. Eram de ver (p. 108).

Num espaço marcado pela pobreza e pela miséria, à entrada de uma floresta ameaçadora procurada pelos suicidas, as duas personagens estão unidas pela verdade

trágica: dotado de uma peculiar capacidade de adivinhação, Itaro prevenira o oleiro da morte da sua esposa, Fuyu, por ação de um bicho da floresta. Saburo, contudo, como personagem de tragédia, tenta inutilmente contrariar o destino, de um modo a que também poderíamos chamar *imprudentemente poético*:

Por todo o tamanho que pudesse, haveria de fazer da floresta um jardim sensível que, à passagem de qualquer bicho zangado, funcionaria como escola de modos, uma lição de ternura e respeito que ensinaria a todas as fomes a importância de respeitar a vida das pessoas. Os bichos aprenderiam a piedade pela ostentação esplendorosa e esperançada da beleza (p. 24).

De formas diferentes, Itaro e Saburo, tornados inimigos pelo cumprimento da profecia, farão caminhos paralelos de perdas e de ganhos, sempre no limiar do fantástico e do místico, que Valter Hugo consegue porém manter presos ao real empírico através de uma língua *imprudentemente poética* de que falarei daqui a pouco.

O artesão abandona, ou entrega, a sua irmã cega Matsu e cumpre depois uma penitência de sete sóis e sete luas no “ventre puro do Japão” (p. 139), isto é, no fundo de um poço. Aprenderá assim que “Estar no fundo do poço era menos estar no fundo do poço e mais estar cego, igual a Matsu, a sua irmã. Estava, por fim, capturado pelo mundo da irmã.” (p. 146). A partir daí, fará leques ainda mais maravilhosos, que se recusará a vender, dizendo: “sei pouco, sei que há algo mais para saber. Pressentia que a arte era uma revelação, assentava numa suspeita mas nunca garantiria que resultado teria, afinal.” (p. 185). Chegará depois à conclusão de que “é ofensiva a arte. É ofensivo que nunca se baste. Para descobrir sentidos ou imitar divindade, é ofensiva. Devíamos habitar apenas santuários, e ter de fascinante apenas a prece. Tudo o mais é egoísta.” (p. 199). Não surpreende por isso que venha a furar os olhos, numa atitude em nada semelhante à de Édipo: diz o narrador que “Estagiara tanto para a cegueira que convertê-la era apenas a simplificação do corpo.” (204). Não se trata pois de uma punição, mas antes de uma correção ou de uma simplificação, que assegura a Itaro outras formas de percepção.



O oleiro, por seu turno, acaba por aceitar a morte da mulher e, em vez de matar o vizinho, aprende a reconhecer e a aceitar que “Itaro nunca usaria o coração para o amor. Dizia: estômago. Amava com o estômago. Só sabia da sobrevivência.” (p.207). Ocorre assim a maturação de ambos, que “era sem tamanho” (p.208), a qual será acompanhada pela natureza: “As cerejeiras enviaram suas lágrimas em flor, inundando lentamente a terra toda. Lentamente, a terra toda se coria de uma claridade terna.” (p.208).

Pelo brevíssimo resumo que acabei de apresentar, percebe-se facilmente que esta não é uma história fácil, em vários sentidos: pela complicação do enredo, certamente, mas sobretudo por uma certa radicalidade dos seus protagonistas e pelo valor parábólico dos seus percursos. É verdade que a localização da história num espaço e num tempo pouco nítidos e a sua ambientação num Japão de contornos difusos dá alguma margem para um clima marcado pela estranheza, pela incerteza, pela poesia, já anunciada no título. Mas o risco só é vencido através de um intenso e, por paradoxal que possa parecer, discreto trabalho sobre a linguagem.

Veja-se a frase inicial do romance, em que julguei (como certamente muitos dos leitores) ter detetado uma gralha: “Quando Itaro caçou o besouro e o golpeou, até que o seu corpo mínimo restasse apenas mancha na madeira do chão, era mais que o besouro que queria matar.” (p.17). Parece faltar uma preposição: seria mais normal que encontrássemos “até que do seu corpo mínimo restasse”. Pensando contudo melhor, acabamos por reconhecer que o besouro reduzido a mancha continua inteiro, sem perda de nenhuma das suas partes, o que autoriza portanto – e até impõe – que se diga “até que o seu corpo mínimo restasse”. Mas não se trata apenas de uma questão de rigor: neste caso concreto talvez haja também alguma coisa de simbólico; mas acima de tudo temos um trabalho, quase impercetível de tão discreto, de

fazer a língua dizer o que ela não está habituada a dizer, o que permite o acesso a uma história com os contornos que esta apresenta.

Os exemplos são muitos e de vários tipos. Pode ser um simples *se* indecisamente apassivante: “a casa nova, tão ali ao pé, haveria de ocupar-se por um grande homem” (p.20); pode ser a recusa da dupla negativa: “Ia a lado nenhum.” (p.34), ou “Tinha dúvida nenhuma” (ibid.), ou “Decidiu fazer nada.” (p.138); pode ser uma construção verbal incomum: “A miséria de Itaro falhava em justificar o sustento de uma criada” (p.37), ou “porque perdiam-se de ter as coisas prontas” (p.39), ou “A criada jurou segredar o azar.” (p.58); pode ser ainda a indecisão sobre a morfologia de uma palavra: “Quando encontraram o oleiro nos campos, imediato o instaram a regressar.” (p.92). Este trabalho de abertura da língua é acompanhado por um investimento retórico igualmente discreto, mas de profundo efeito: às vezes, com uma repercussão sobretudo visual: “Os suicidas, pendurados em forcas, iguais a braços pendulares, profundamente verticais, que as árvores inventassem, em frutos anómalos.” (p.52); outras vezes com um efeito próximo do aforismo: “[Saburo e a esposa] Faltavam à lucidez por solidão.” (p.24).

Propondo-nos a poesia – e a arte – como acessíveis a qualquer um, artífice, artista ou outra coisa qualquer, e também como imprudência, Valter Hugo Mãe deixa-nos uma funda interrogação sobre a vida como caminho feito de escolhas, aberto a perceções de variados tipos. Com isso oferece-nos um outro ensaio sobre a cegueira, com a mesma radicalidade e com a mesma ternura que caracterizam a sua já vasta e diversificada obra.

FRANCISCO TOPA
CITCEM/ Universidade do Porto

Recebido: 05 de janeiro de 2017
Aprovado: 06 de janeiro de 2017
Contato: franctopa@gmail.com